

A cidade em mim: o lugar da subjetividade na constituição do espaço urbano

The city inside me: the place of subjectivity in the urban space constitution

La ciudad en mí: el lugar de la subjetividad en la constitución del espacio urbano

Recebido: 01/02/2023 | Revisado: 16/02/2023 | Aceitado: 17/02/2023 | Publicado: 24/02/2023

Thais dos Santos Vieira Gabi de Macedo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2504-9858>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

E-mail: thais.macedo@ufpe.br

Lúcia Leitão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4935-2077>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

E-mail: leitaulo@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o lugar da subjetividade na construção do imaginário urbano que atravessa as cidades, utilizando-se de um aporte literário multifacetado para compor sua empiria. Inicialmente, o artigo dedica-se a uma discussão ancorada em Merleau Ponty (2004), acerca do mundo percebido, isto é, do universo de investigação dos sentidos, na arte, na pintura, na filosofia e na literatura, que ajuda a esclarecer nossa compreensão dos eventos históricos e da cidade; e na ideia de imaginário de Bachelard, fundamentalmente no que tange a obra *A poética do espaço* (2008), na qual o autor concebe o espaço como “um instrumento de análise para a alma humana” (2008). Em seguida, e a partir desse modo dialético de olhar para o espaço edificado, trabalhamos com a hipótese de alguns autores como Canclini (1997), Bolla (2000) e Leitão (1998, 2011, 2012, 2021), de que pensar as cidades perpassa, indissociavelmente, a relação imaterial entre indivíduos e espaço urbano. Por fim, apoiados nessa discussão recente teórica, que extrapola os limites conceituais e adentra o universo literário para compor análises metodológicas, argumentamos que os aspectos físicos urbanos nos quais habitamos são também expressões imagéticas e particulares do existir no mundo.

Palavras-chave: Cidades; Arquitetura; Subjetividade; Imaginário.

Abstract

The following article aims to reflect about the place of subjectivity in the construction of the urban imaginary that surrounds cities, using a multifaceted literary contribution to compose its empirical work. Initially, the article is dedicated to a discussion based on Merleau Ponty (2004), about the perceived world, that is, the universe of investigation of the senses, in art, painting, philosophy and literature, which helps to clarify our understanding of historical events and the city; and in Bachelard's idea of imaginary, fundamentally with regard to the work *The poetics of space* (2008), in which the author conceives space as “an instrument of analysis for the human soul” (2008). Then, and from this dialectical way of looking at the built space, we work with the hypothesis of some authors such as Canclini (1997), Bolla (2000) and Leitão (1998, 2011, 2012, 2021), that thinking about cities permeates, inseparably, the immaterial relationship between individuals and the urban space. Finally, supported by this recent theoretical discussion, which goes beyond conceptual limits and enters the literary universe to compose methodological analyses, we argue that the urban physical aspects in which we live are also imagistic and particular expressions of existing in the world.

Keywords: Cities; Architecture; Subjectivity; Imaginary.

Resumen

El artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el lugar de la subjetividad en la construcción del imaginario urbano que rodea a las ciudades, utilizando un aporte literario multifacético para componer su obra empírica. Inicialmente, el artículo está dedicado a una discusión anclada en Merleau Ponty (2004), sobre el mundo percibido, o sea, el universo de investigación de los sentidos, en el arte, en la pintura, en la filosofía, y en la literatura, lo que ayuda a esclarecer nuestra comprensión de los eventos históricos y de la ciudad; y en la idea de imaginario de Bachelard, fundamentalmente a propósito de la obra *La poética del espacio* (2008), en la que el autor concibe el espacio como “un instrumento de análisis del alma humana” (2008). Entonces, y desde esta forma dialéctica de mirar el espacio construido, trabajamos con la hipótesis de algunos autores como Canclini (1997), Bolla (2000), y Leitão (1998, 2011, 2012, 2021), de que el pensamiento de las ciudades permea, inseparablemente, la relación inmaterial entre los individuos y el espacio urbano. Finalmente, apoyados en esta discusión teórica reciente, que va más allá de los límites conceptuales y se adentra en el universo literario para componer análisis metodológicos, argumentamos que los

aspectos físicos urbanos em los que vivimos son también expresiones imaginativas y particulares de existir en el mundo.

Palabras clave: Ciudades; Arquitectura; Subjetividade; Imaginario.

1. Introdução

“A ficção consiste não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver até que ponto é invisível a invisibilidade”
Michel Foucault

O presente texto nasce da leitura reflexiva de diversos autores do campo do urbanismo que tentam preencher a lacuna, cada vez mais notável nas últimas décadas, sobre os estudos da cidade e subjetividade. Essa lacuna se dá, principalmente, por uma construção e subsequente herança da dominância da racionalidade e materialidade nos estudos da Teoria da arquitetura. Existe, claramente, uma hierarquização dos instrumentos pelos quais se estudam as cidades. Na contramão disso, surgem novas maneiras de pensar o urbano que possam dar conta das suas dimensões menos físicas e mais imateriais, e outras possibilidades de oferecer abordagens interdisciplinares para a sua compreensão.

Muito antes do movimento atual de investigação da subjetividade das cidades relatado acima, Georg Simmel, há mais de cem anos escrevia seu texto seminal, *A metrópole e a vida mental* (1973) [1903], largamente conhecido e disseminado até hoje entre teóricos da cidade. As ideias contidas no ensaio de Simmel em uma conferência no início do século passado, apresentam uma relação íntima e, até então, bastante nova entre as grandes cidades e subjetividade. O autor descreve uma “preponderância do espírito objetivo sobre o subjetivo”; assim como um novo tipo de indivíduo cidadão, habitante de uma metrópole e por isso, psicologicamente dotado de “intensificação dos estímulos nervosos” que, de tão intensos na cidade grande, produzem nele uma espécie de comportamento blasé. Talvez agora vistas como usuais, as ideias de Simmel, no entanto, foram surpreendentes e tornaram mais claro o campo de investigação cujos autores trabalhados nesse texto se dedicam a explorar.

Compreender, então, a cidade como algo humano, implica identificá-la como uma experiência marcada pela subjetividade que representa tudo aquilo que é humano. Percorrer os caminhos das suas motivações psíquicas é uma questão ainda pouco explorada na Teoria da Arquitetura. Para Leitão (1998) o ambiente construído se constitui como o espaço que media a travessia humana, “entre o nascimento e a morte” (Leitão, 1998, p. 19), e assim se mostra como uma espécie de tentativa de resposta ao desamparo, condição humana que assinala a experiência de habitar o mundo. Assim sendo, o construir nasceria dessa falta que em muito ultrapassa as necessidades materiais do abrigo físico, pois além de uma demanda material, habitar é também uma demanda anímica.

Para Bachelard (2008)[1989], partidário dos estudos interdisciplinares, unindo literatura, filosofia e psicologia, essa subjetividade se apresenta por meio de imagens poéticas evocadas pelo espaço. O autor recorre frequentemente à literatura para falar de espaços construídos a partir da visão de grandes escritores, dentre eles Baudelaire, Rilke, Henri Bosco e Edgar Allan Poe. Quais imagens surgem da escrita literária? Bachelard busca a resposta no que dessas imagens se comunica, sua essência primeira. Ele está interessado nos ecos que o imaginário dos espaços produz: “o espaço não pode ser unicamente exterior pois é vivido, imaginado, recordado interiormente. “O exterior não será uma intimidade antiga perdida na sombra da memória?” (Bachelard, 2008, p. 232).

Desse modo, nos interessa explorar a relação entre cidade/espço edificado e urbano e subjetividade, de forma dialética e interdisciplinar, reunindo abordagens conceituais com reflexões provocadas pela literatura. O texto divide-se primeiramente em um diálogo entre a literatura e as ideias apresentadas por Merleau Ponty (2004), acerca do mundo percebido. Direcionamo-nos, assim, ao universo de investigação dos sentidos, na arte de modo geral, e sua mediação para a

nossa compreensão dos eventos históricos e da cidade. Este também se relaciona com o conceito de imaginário de Bachelard, fundamentalmente no que diz respeito à obra *A poética do espaço* (2008), na qual o autor concebe o espaço como “um instrumento de análise para a alma humana” (Bachelard, 2008). A seguir, estendemos a discussão para o espaço edificado, trabalhando com a hipótese de alguns autores como Canclini (1997), Bollas (2000) e Leitão (2012), de que pensar as cidades perpassa, indissociavelmente, a relação imaterial entre indivíduos e espaço urbano. Por fim, apoiados nesse movimento acadêmico recente, que extrapola os limites conceituais e adentra o universo literário para compor análises metodológicas, argumentamos que os aspectos físicos urbanos nos quais habitamos são também expressões imagéticas e particulares do existir no mundo.

2. Poéticas urbanas

Metodologicamente, esta é uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, que se constitui a partir de critérios, métodos e técnicas para a sua elaboração, e tenciona fornecer informações a respeito do objeto da pesquisa e orientar possíveis formulações de hipóteses (Cervo & Silva, 2006). Assim sendo, a literatura que contempla a base bibliográfica teórica fornece diferentes conceitos e visões sobre o tema da subjetividade, proposto nos distintos campos do conhecimento, desde a arquitetura e urbanismo até a filosofia. Como estudo qualitativo (Cervo & Silva, 2006), caracteristicamente descritivo, tem sua empiria na análise de trechos de obras literárias, que levam em consideração o potencial do seu conteúdo com a capacidade de se relacionar com o objeto de estudo deste artigo: cidades e subjetividade.

A literatura é uma das formas de arte que melhor descrevem a ideia de unidade entre indivíduo e natureza, coisas e mundo. Nesse trabalho, utilizamos aportes literários, por meio de citações, como ensejo para reflexões sobre o imaginário que circunda as cidades e a experiência urbana de existir (Leite, 2016). Pois a literatura tem uma capacidade particular de criar imagens mentais e construir experiências profundamente sinestésicas, como demonstra a passagem a seguir de *Orlando*:

“Amava, acima de toda esta transitoriedade do verão, sentir o apoio da terra embaixo de si; pois assim considerava a dura raiz do carvalho; ou, como imagem puxa imagem, era o dorso de um grande cavalo que ele cavalgava, ou o convés de um navio balouçante, era qualquer coisa, na verdade, desde que fosse firme, pois sentia necessidade de alguma coisa onde pudesse amarrar o seu instável coração.” (Woolf, 2018, p. 15)

Para a personagem, a ideia de um “apoio da terra embaixo de si” poderia ser representada ou comparada à imagem da “dura raiz do carvalho”, ou à figura do dorso do cavalo, ou ainda ao convés de um navio, pois “imagem puxa imagem”, e nunca pensamos em um objeto isolado do mundo. Para descrevê-lo buscamos sempre fazer relações e associações de características e qualidades das mais diversas ordens, que atribuímos a ele. É da natureza da linguagem e da literatura fazer relações, criar representações e usar símbolos para entender o mundo que nos cerca.

Ponty (2004) aponta que a unidade das coisas se encontra não por meio de cada característica que a compõe isoladamente, mas cada uma delas é também o todo. Um objeto é a junção de todos os atributos que o representam, e esses atributos advêm dos mais diversos sentidos, que dão também lugar a outros novos sentidos, na medida em que refletimos sobre ele. Para ficar mais claro, o autor utiliza o exemplo do mel. Se pensarmos sobre o mel, algumas propriedades acerca dele vêm à tona, como por exemplo, seu sabor açucarado, sua viscosidade, cor dourada e brilhante e textura pegajosa. A cada um desses atributos poderíamos adicionar tantos outros. A sua doçura pode remeter a símbolos particulares, dependendo do interlocutor. De modo que toda sua composição se torna interligada, pois “são dados concomitantes que se expressam uns através dos outros [...]” (Ponty, 2004, p. 23)

Então, não apenas o objeto evoca incontáveis qualidades para si, mas atrai também reações distintas nos próprios indivíduos:

“As coisas não são, portanto, simples *objetos* neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear.” (Ponty, 2008, p. 23)

Também poderíamos acrescentar a essa lista, o trabalho que escolhemos, as pessoas que desejamos manter por perto, os livros que lemos, as músicas que ouvimos e os filmes que optamos por assistir. Nossa relação com todos esses elementos é retroalimentada e simbiótica, produzimos e somos produzidos por eles.

Em *A poética do espaço* (2008), Bachelard toma o espaço como um “instrumento de análise para a alma humana” (Bachelard, 2008). Isto é, imagens desencadeadas a partir de diferentes espaços recorrentes na literatura: casa, porão, sótão, cabana, gaveta, cofre, armário, ninho, concha e canto que evocam imagens poéticas e, por meio deles se poderia chegar a uma fenomenologia da imaginação, em que seria possível conhecer a imagem em sua origem e essência. Assim, ao ler um texto literário, a imagem construída através dele tem significado em si mesma e de maneira distinta em cada leitor que, ao ler, se torna também autor, pois a escrita não é nunca passiva, ela é viva para quem ler e está sempre em movimento.

Bachelard (2008) usa a ideia da casa para dizer que o espaço construído vai muito além do seu objetivo concreto, ele se mistura à sua função psíquica, imaginária. No contexto aqui discutido, a ideia de casa para Bachelard pode ser entendida como metáfora para os espaços urbanos. A cidade como cosmos, arquétipo da relação indivíduo-mundo. Ela é o abrigo físico, mas também o lugar onde as forças que nos integram se manifestam subjetivamente: “Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa, nessa rivalidade da casa e do universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (Bachelard, 2008, p. 227)

A transcendência dos aspectos físicos do espaço fica ainda mais clara no trecho a seguir. A relação objetividade-subjetividade, realidade e imaginário é sempre inextricavelmente presente:

“Com efeito a casa é, à primeira vista, um objeto que possui uma geometria rígida. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade primeira é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta é dominante. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição ao humano se faz imediatamente, desde que se tome a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade.” (Bachelard, 2008, p.228)

Partindo, portanto, da premissa de que dotamos os objetos que nos circundam de atributos imateriais, atributos que guardam relação com a nossa própria subjetividade, um novo olhar se apresenta sobre a arquitetura e a cidade. Esse olhar deve abarcar não apenas as ruas, avenidas, praças e parques, como também as imagens da cidade, constituídas pelo imaginário individual e coletivo.

Para Canclini (1997), essas imagens são formadas por aspectos formais (físicos) e informais (música, filmes, televisão, rádio), que preenchem a cidade de densidade, heterogeneidade e ficção. Quando, por exemplo, nos deslocamos por longos trajetos dentro de uma grande metrópole, despertamos para realidades distintas, cenários diversos, novos modos de vida, cidades reais e cidades imaginárias que habitam fora e dentro de nós.

Em *Vida e proezas de Alexis Zorbas*, de Nikos Kazantzakis (2011), o personagem Zorba, antigo habitante da ilha de Creta, conta a história de seu avô, que todas as noites, com seu lampião, dava voltas nas ruas da cidade na tentativa de encontrar algum estrangeiro que tivesse acabado de chegar. O objetivo da empreitada do avô de Zorbas era dar ao estrangeiro água, comida e hospedagem e em troca escutar suas histórias, de onde veio, que lugares seus olhos visitaram no mundo, e que terras seus pés percorreram. Se a história fosse boa, ele poderia ir ficando, até que por fim tivesse contado tudo o que viu. Dizia

que não tinha intenção de sair de Creta, pois do conforto do seu sofá, o avô de Zorbas conhecia o mundo e viajava imageticamente junto aos estrangeiros.

Isto é, nós compomos os lugares que habitamos, mas eles também, inextricavelmente, fazem parte de nós. Agnes Vardà disse, certa vez, que se nós abríssimos as pessoas encontraríamos nelas paisagens. Existe, então, uma relação indissociável do indivíduo e o lugar que ele habita, e essa relação é sempre permeada por subjetividades do sujeito, ora se apresentando por meio do imaginário, ora por memórias, pela literatura, ou pelo cinema (Morin, 2018), e muitas vezes, esses dois elementos estão entrelaçados no inconsciente.

3. As Duas Faces da Cidade

Leitão (2021c) defende que a arquitetura e, por que não, a cidade, é para cada um de nós uma manifestação simbólica da experiência de existir. Isso porque a necessidade de habitar dos indivíduos vai muito além do seu aspecto físico, de buscar um abrigo, uma proteção, como a cabana que outrora acompanhou a humanidade, no início da sua história. Ela representa, mais do que isso, um desejo profundo e primitivo, desejo esse que nos acompanha ao longo de toda a vida. A busca de um lugar para habitar é também a busca por encontrar a nós mesmos e por construir nossa subjetividade. Assim, para Leitão (2012), entender esse fenômeno requer uma articulação especial entre psique e arquitetura e, neste trabalho, estendemos também para o espaço urbano como um todo:

“(…) à luz da psicanálise, locomover-se, movimentar-se, deslocar-se de um ponto a outro resulta de uma demanda psíquica própria do humano, aquela mesma presente no flâneur benjaminiano quando, em sua flânerie, sequer sabe aonde vai, do que precisa, ou o que busca existencialmente.” (Leitão, 2012, p. 11)

Nesse sentido, Bollas (2000) questiona se assim como existe uma vida inconsciente para cada indivíduo, não haveria também um inconsciente arquitetônico que circunda as cidades.

O valor alegórico que a nossa primeira casa possui, ou objetos específicos que a compunham (especialmente aqueles da infância), ou mesmo aquela rua onde abrigava a escola na qual passamos boa parte da juventude, são todos elementos que fornecem aspectos imateriais do espaço arquitetônico e podem produzir nas pessoas uma profunda sensação de acolhimento e pertencimento. Do mesmo modo, o desaparecimento efêmero de locais que estamos habituados a ver compondo o cenário urbano também pode proporcionar sentimentos desagradáveis de perda e impotência, diante da transitoriedade da vida nas cidades.

Em *Cidade Aberta*, romance escrito pelo autor nigeriano Teju Cole, o personagem principal, Julius, é um médico psiquiatra que costuma caminhar longas horas pelas ruas de Nova Iorque, após sair dos plantões no hospital. Essas caminhadas são para Julius uma forma de contrapor o silêncio e a concentração predominantes no seu ambiente de trabalho. Os sons da cidade, o intenso movimento do tráfego de carros e pessoas, e a diversidade arquitetônica, que mistura o comércio, com parques, museus, grandes avenidas e residências, oferecem para o personagem uma atmosfera vibrante, mas também de reflexões:

“Do outro lado da mercearia ficava uma loja Blockbuster; embora eu nunca tivesse alugado nada ali, fiquei surpreso ao ver um cartaz anunciando que também aquilo ia fechar as portas (...) pensei na loja Tower Records – uma associação que não pude deixar de fazer, uma vez que duas empresas tinha dominado, por muito tempo, suas respectivas indústrias (...) fiquei abalado não tanto com o desaparecimento daqueles acessórios de minha paisagem mental, mas sim com a velocidade e a indiferença com que o mercado engolia até as empresas mais sólidas (...) o papel que desempenhavam, qualquer que fosse, havia passado para outras mãos, mãos que por um breve tempo se sentiriam invencíveis e que, por sua vez, acabariam derrotadas por mudanças imprevistas. Aqueles sobreviventes seriam esquecidos também” (Cole, 2012, p. 28-29)

Para Julius, esses lugares não significavam necessariamente uma perda, mas há dois aspectos importantes da relação sujeito e cidade nessa passagem que gostaríamos de destacar. Em primeiro lugar, embora não sejam locais que guardem uma memória afetiva para o personagem, o fechamento deles não deixou de causar estranhamento e um certo choque em função da rápida transitoriedade do comércio, e a indiferença com que a lógica do consumo incide sobre a cidade; e, em segundo lugar, que está também ligado ao primeiro, Julius se engana ao dizer que todos esses lugares seriam, um após o outro, esquecidos. Possivelmente, para outras pessoas, esses mesmos locais tenham composto histórias e memórias de vida. Nesse caso, os locais não desaparecem simplesmente, mas constituem parte importante do imaginário individual urbano e da vida mental:

“A destruição de uma construção que eu goste é emocionalmente dolorosa, mas levo comigo algumas memórias da estrutura. O trabalho do arquiteto, então, envolve importantes questões simbólicas sobre a vida e a morte. Demolir a estrutura existente para abrir caminho para uma nova, joga com nosso próprio senso de limite da existência e prediz nosso fim.” (Bollas, 2000, p. 24)

Assim, em muitos campos da arte sabe-se que os aspectos mentais são impulsionadores e permeiam todo o processo de criação, mas na arquitetura essa dimensão inconsciente, nem sempre clara para arquitetos, evidencia demandas psíquicas tão profundas e importantes quanto a necessidade de abrigar-se. Uma dessas demandas, rapidamente mencionada no início desse texto, é a ideia de desamparo desenvolvida por Freud. O desamparo foi extensamente discutido por Leitão¹ em seus últimos trabalhos, e ultrapassam em muito as intenções do presente artigo, mas, para fins da discussão aqui proposta, traremos alguns pontos indispensáveis.

Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que, segundo a noção freudiana, o desamparo marca de modo definitivo toda e qualquer condição humana. Somos atravessados pela experiência de sair do estado inicial e uterino de completo contentamento e supressão das necessidades físicas enquanto bebês, para entrar em um de estado pós-nascimento, de perda do lugar de origem, onde nasce a experiência do desamparo, e a partir da qual busca-se um espaço (humano) onde o indivíduo possa voltar ao estado pré-nascimento. Embora trazida superficialmente, apenas para ajudar a compor o argumento desse texto, à ideia de desamparo, Leitão explica:

“Àqueles que talvez considerem essa abordagem excessivamente psicanalítica, convém lembrar que, etimologicamente, a palavra “metrópole” vem de “metra”, palavra grega que significa “matriz”, “útero”. “Metrópole” é precisamente “cidade-mãe”. Talvez em decorrência dessa associação derive a premissa aristotélica segundo a qual a função da cidade, o ambiente construído, é oferecer “segurança” e “felicidade” — exatamente como o espaço uterino, onde um dia os seres humanos estiveram tão felizes e sentiram-se tão bem.” (LEITÃO, 2021b, p. 7)

Em segundo lugar, é a partir dessa ideia que Leitão, dialogando com autores como Zevi, constrói sua vigorosa narrativa em torno da casa humana, como sucedâneo do útero materno. A casa, assim como a arquitetura surge como elemento substitutivo de algo que se perdeu para sempre. Pois assim descreve Zevi (1977), que a arquitetura é a produção de um espaço que possui um aspecto interno e que “abriga o humano”, e dessa maneira o distingue de qualquer outra produção humana.

Nesse sentido, se se têm como válidos a hipótese e o argumento apresentados aqui sob diferentes vieses, então devemos expandir a compreensão da arquitetura para além da construção física do abrigo. Construímos não apenas para buscar proteção e abrigo para o corpo, mas também, e talvez principalmente, para dar conta de uma falta que persegue o humano desde o seu nascimento, guiado pelo desejo que nunca pode ser plenamente satisfeito.

4. Considerações Finais

¹ Olhar trabalhos anteriores como, *Cidade, arquitetura e desamparo: uma abordagem psicanalítica da edificação do ambiente construído* (2021a), e *Arquitetura, uma expressão fantasística do desejo* (2021b).

“O destino de alguém não é nunca um lugar, mas um novo modo de olhar as coisas.”
Henry Miller

A tradição acadêmica da Teoria da arquitetura aponta para uma imposição do pensamento objetivo, racional e pragmático (não menos importante) sobre formas mais subjetivas do fazer arquitetônico. Neste artigo realizamos um esforço de pensar a relação indivíduo e cidade para além dos aspectos físico e material, unindo hipóteses teóricas com reflexões propostas pela literatura, que vão além do aporte conceitual e teórico e ajudam a dissecar a alma humana e esclarecer questões sob novas percepções. A proposição de pensar a arquitetura e os espaços urbanos entre as interfaces do físico e do imaterial, e da realidade e imaginário parece demonstrar que os limites que os separam são cada vez mais fluidos e simbióticos e também parece indicar que mais do que uma relação de sobreposição de um em função de outro, o que há, na verdade, é uma integração ao ponto de que um não existe sem o outro.

Este caminho de investigação, embora desafiador e cheio de percalços comuns, encontrados em narrativas já estratificadas, como é o caso da Teoria da arquitetura, também tem se mostrado mobilizador e prolífico para os estudos urbanos e abre alternativas para compreender outras narrativas possíveis no campo da interdisciplinaridade. Essas alternativas são brechas de luz que incidem para trazer à superfície noções já esquecidas, ou negligenciadas. Longe de esgotar o tema, este artigo se apresenta como um exercício e incentivo de ampliação da visão sobre o imaginário urbano para pesquisas futuras.

No caso dos personagens literários apresentados neste artigo, todos eles demonstram uma convergência entre espaço urbano e subjetividade, em cada um deles é possível identificar uma sinergia poderosa conectando o mundo físico ao mundo mental, mediados pelo imaginário. O fazer arquitetônico prediz, inevitavelmente, o imaginário que circunda tanto o universo daquele que o contrói, como quem olha, conhece e vive a cidade. A arquitetura e o espaço urbano são resultantes, portanto, de uma articulação e integração de sentidos e significados. Dito isto, o exercício de compreender as dinâmicas urbanas, de conceituar ideias sobre as cidades não se torna mais simples, pois assim como o inconsciente humano, há muito mais de submerso na mentalidade cidadina do que demonstra a superfície. Ignorar esses processos é sucumbir e reduzi-la aos seus aspectos mais racionais e pragmáticos.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 00.

Referências

- Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço*. (A. P. Danesi, Trans.). Martins Fontes.
- Bollas, C. (2000). *A arquitetura e o inconsciente*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3(1), 21-46.
- Canclini, N. G. (1997). *Imaginários urbanos*. Editorial Universitária de Buenos Aires.
- Cervo, A. L., & Silva, R. (2006). *Metodologia científica*. Gradiva. (6a ed.).
- Cole, T. (2012). *Cidade Aberta*. Companhia das Letras.
- Kazantzakis, N. (2011). *Vida e proezas de Alexis Zorbas*. (3a ed.). Grua.
- Leitão, L. (2011a). *A cidade de Simmel, a cidade dos homens*. *Cadernos Metrópole* (PUCSP), 26, 461-471.
- Leitão, L. (2011b). *Uma relação especular: anotações sobre a dimensão imaginária da arquitetura*. *Risco*. (São Carlos), 13, 58-64.
- Leitão, L. (2011c). *Ver a cidade, ver a si mesmo*. *Cadernos do PROARQ* (UFRJ), 17, 158-165.
- Leitão, L. (2012). *Dora, uma arquitetura para sonhar*. *Arq.urb*, (8), 1-13. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-8903.arqurbe.2012.334>
- Leitão, L. (2021a). *Cidade, arquitetura e desamparo: uma abordagem psicanalítica da edificação do ambiente construído*. UFPE, 18, 18-31.

- Leitão, L. (2021b). *Arquitetura, uma expressão fantasmática do desejo* | Architecture, a phantasmatic expression of desire. *Oculum Ensaios*, 18, 1–13.
- Leitão, L. (2021c). *A cidade diz tudo o que você deve pensar. Notas para uma discussão teórica sobre a noção de significância*. *Arquitextos*, 21(249.01). <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4562.arqext.2021.162615>
- Leite, J. (2016). *Imaginário Tecnológico: viés de interpretação e de inovação nos habitats contemporâneos*. In: 1o. *Colóquio Internacional ICHT 2016 Imaginário: construir e habitar a Terra; cidades 'inteligentes' e poéticas urbanas*. Atas do 1o colóquio internacional icHt, 16 a 17 de março, 2016, São Paulo, SP, Brasil. (Vol. 1, pp. 415-423). São Paulo: FAU/USP.
- Leite, R. P. (2017). *O futuro incerto das cidades: uma reflexão niilista sobre as Atopias urbanas*. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 30(2).
- Merleau-Ponty, M. (2004). *Conversas – 1948*. [Tradução de Fábio Landa e Eva Landa; Organização de Shéphanie Ménasé e Revisão de Marina Appenzeller]. São Paulo: Martins Fontes.
- Morin, E. (2018). *O cinema ou o homem imaginário*. (L. Loprete, Trad.) São Paulo: É Realizações. (Original publicado em 1971).
- Simmel, G. (1973 [1903]). *A metrópole e a vida mental*. In: O. G. Velho (Org.), *O fenômeno urbano* (pp. 11-25). Zahar Editores.
- Woolf, V. (2004). *Orlando* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1928).
- Zevi, B. (1977). *Saber ver a arquitetura* (p. 18). Lisboa: Editora Arcádia.
- Filme *As praias de Agnes*. (2008) Direção: Agnes Vardà.